

### **Eixo Temático**

#### 1. Educação do Campo e Movimentos Sociais

### **Título**

## **O MST COMO PARADIGMA DE ORGANIZAÇÃO COLETIVA**

### **Autora**

Arlete Ramos dos Santos

### **Instituição**

Universidade Estadual de Santa Cruz

### **E-mail:**

[arlerp@hotmail.com](mailto:arlerp@hotmail.com)

### **Palavras-chave:**

Burocracia; capitalismo; MST e Racionalidade Coletiva.

### **Resumo**

Este artigo originou de um recorte da tese de doutorado da autora, a qual teve como objetivo principal analisar a gestão educacional do MST, sob o enfoque da burocracia estatal capitalista, como elemento de contradição, tendo em vista que esse Movimento social luta por um paradigma de sociedade que diverge do Estado. Fundamentada no materialismo histórico dialético, a metodologia utilizada para coleta de dados foi revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas semiestruturadas. Conclui-se que a organicidade e sistematização do MST não se encaixam no que se define como *burocracia* na literatura. Por isso, a autora afirma que o MST, em todos os setores encontrou uma nova forma de se estruturar, e para designar tal forma de organização nesse espaço criou o conceito de *Racionalidade Coletiva*.

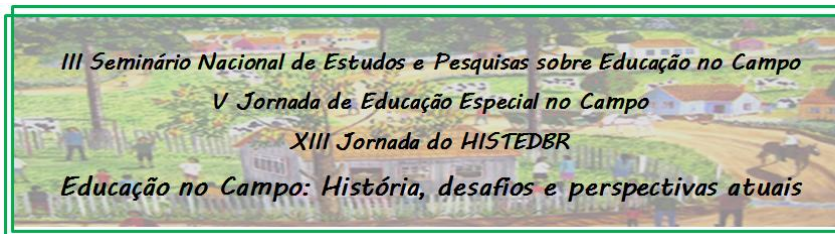
### **Texto Completo**

Este artigo originou de um recorte da tese de doutorado da autora defendida na Faculdade de Educação – FAE da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG<sup>1</sup>, a qual

<sup>1</sup> Disponível no site:

[http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/teses?order=field\\_bib\\_ano\\_value&sort=asc&page=7&title=&name=](http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/teses?order=field_bib_ano_value&sort=asc&page=7&title=&name=)

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**

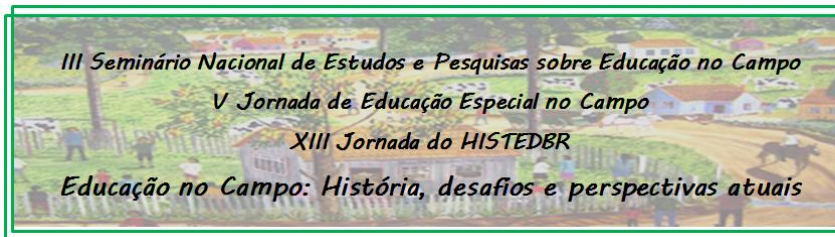


teve como objetivo principal analisar a gestão educacional do MST, sob o enfoque da burocracia estatal capitalista, como elemento de contradição, tendo em vista que esse Movimento social luta por um paradigma de sociedade que diverge do Estado. A partir do marco conceitual do que é definido como *burocracia* nos estudos realizados, bem como o resultado dos dados coletados para a realização da pesquisa, Santos (2013) afirma em sua tese de doutorado que a organicidade e sistematização do MST não se encaixam no que se define como *burocracia* na literatura. Por isso, a autora afirma que o MST, em todos os setores encontrou uma nova forma de se estruturar, e para designar tal forma de organização nesse espaço criou-se o conceito de *Racionalidade Coletiva*.

A origem do MST está relacionada à repressão dos governos militares que implantaram um modelo econômico agropecuário denominado de modernização conservadora, com o objetivo de acabar com o campesinato e “modernizar a agricultura”, facilitando as formas de investimento para os latifundiários e empresários do campo, havendo, então, uma modernização agrária de base tecnológica, em detrimento dos pequenos agricultores camponeses. (SANTOS, 2013). Teoricamente, defensor de um ideário marxista, o MST consolidou-se como um movimento social de massas no I Congresso Nacional, em 1984, que aconteceu na cidade de Cascavel, no Paraná. No seu 3º Congresso Nacional o MST fez claramente a defesa do socialismo - “*Difundir os valores humanistas e socialistas nas relações sociais*” (MST, 1995), tendo sido um propulsor das lutas contra o agronegócio e na defesa do campesinato, no Brasil.

A sua estrutura organizativa inicial foi composta da seguinte forma: Congresso Nacional, Coordenação Nacional, Encontros Estaduais, Coordenações Estaduais, Coordenações Regionais, Coordenações de assentamentos e acampamentos, brigadas, formação de instâncias de representação de setores de atividades nos assentamentos e acampamentos. Essa configuração foi definida no início da década de 1990, e seguidamente, o MST se estruturou nos seguintes setores: Frente de Massa, Produção, Educação, Comunicação, Formação, Finanças, Gênero, Projetos Nacionais. O setor de Projetos Nacionais se subdivide em Relações Internacionais e Direitos Humanos.

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



## A burocracia e o MST

A gênese do termo burocracia está relacionada, inicialmente, à organização formal do Estado e, posteriormente, à Teoria Geral da Administração com seus vários modelos explicativos de estruturação de quadros na empresa capitalista, desde o taylorismo aos estruturalistas. Porém, o seu desenvolvimento maior se dá no âmbito do Estado.

Hegel foi quem sistematizou o termo burocracia como poder administrativo e político, ou seja, tanto no âmbito estatal como no de corporação privada. Para Hegel (1998, p. 190), o Estado contém o interesse universal, sendo uma instância suprema que elimina todas as particularidades no seio da unidade, representando uma síntese do universal e do particular.

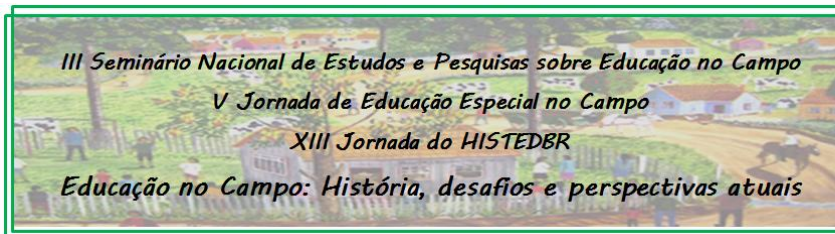
No sistema capitalista representa o antagonismo da divisão social de classes, pois enquanto alguns detêm os meios de produção, outros não os possuem, podendo daí presumir uma escala hierárquica entre os que mandam e os que obedecem. Nesse sentido se expressa Weber:

A burocracia é a forma mais racional de exercício de dominação, porque nela se alcança tecnicamente o máximo de rendimento em virtude da precisão, continuidade, disciplina, rigor e confiabilidade, intensidade e extensividade dos serviços, aplicabilidade formalmente universal a todas as espécies de tarefas (1998, p. 145).

Weber classifica a burocracia em três tipos ideais<sup>2</sup> puros que constituem a dominação burocrática: dominação legal, patrimonial e carismática. A dominação legal é formada legalmente por meio de estatutos, leis, regras. A dominação patrimonial possui dominação patriarcal, com senhor e súditos. Os servidores são recrutados com total dependência do Senhor. As relações são reguladas pela tradição, pelo privilégio e pela fidelidade. A dominação carismática caracteriza pela relação de afetividade entre senhor e servos.

Marx não fez uma teoria sobre a burocracia, mas a referencia como alienante. Suas ideias constataam que o operário vai ficando mais pobre à medida que produz riqueza, tornando uma mercadoria mais insignificante do que a mercadoria que produz. Reforçando a concepção negativa da burocracia, Marx destaca o burocratismo parasitário de Estado dirigido

<sup>2</sup>Tipo ideal weberiano: construção conceitual realizada a partir de certos elementos empíricos, que se agrupam logicamente em uma forma precisa e consistente, porém, de uma forma que, em sua pureza ideal, nunca se encontra na realidade (MOTTA, 2000, p. 62).



pelo poder executivo, cuja função básica seria vigiar e punir a sociedade. Trata-se de um parasitismo de novo tipo. (CARNOY, 1988).

Para Marx,

O burocrata está à procura dos postos mais elevados que o próprio trabalho se encontra subordinado a conquistar ou manter um estatuto pessoal, de sorte que a burocracia se apresenta como uma imensa rede de relações pessoais, onde as relações de dependência substituem as planejadas objetivamente pela divisão do trabalho, às quais se agrupam, e suas lutas se sobrepõem à hierarquia formal e tendem constantemente a remodelá-la em função de suas exigências ( MARX, 2004, p. 240).

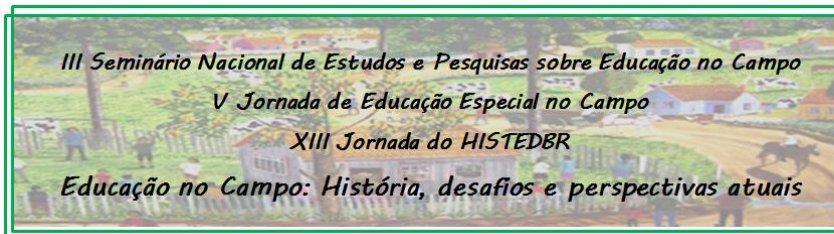
É contra esses aspectos da burocracia estatal que, teoricamente<sup>3</sup>, situa/situava o debate do marxismo no MST, além da análise das formas de exploração da classe trabalhadora pelo capital.

Apesar de a construção da burocracia política no Brasil ter começado desde o período imperial, foi somente em 1930 que se desenvolveu plenamente com o avanço do estado capitalista no país, havendo a junção da burguesia industrial, da burocracia política e dos trabalhadores urbanos. Os estudos<sup>4</sup> sobre a burocracia no Brasil têm se direcionado sobre duas vertentes. A primeira, com base nos estudos do americano Woodrow Wilson, do final do século XIX, em que preconizava que “a administração pública está fora da esfera política e que as questões administrativas não são questões políticas”. Para este, política e administração deveriam ser separadas. Ou seja, ao mundo político cabem as definições de ações governamentais; e ao administrativo, a implementação das políticas orientadas por diretrizes burocráticas.

Para o MST, teoricamente, o que aparece é o trabalho na forma de coletivos, no qual as definições são tomadas e cumpridas por todos. Ou seja, não tem um chefe que manda e os demais o obedecem, mas, a partir das discussões nas assembleias, o que é votado deve ser cumprido por todos. Nesse sentido, expressa o Secretário Nacional do Movimento quando questionado na entrevista se existe burocracia no MST:

<sup>3</sup> Digo teoricamente porque foi constatado nessa pesquisa que, atualmente, na Bahia, o MST tem adotado como estratégia, ocupar cargos junto à burocracia estatal.

<sup>4</sup> LOUREIRO; ABRUCIO; PACHECO (2010); GOUVEIA (1994); PEREIRA (2004).



Ela existe, mas eu acho que ela de certa forma é diluída na concepção de coletivo, tipo, embora tenha coordenador, mas, tudo funciona por coletivos... Todo aquele que é o mais burocrata, dentro da área de saúde, é um coletivo que coordena o setor, área administrativa de finanças, projetos, tudo isso é um coletivo, então não é uma pessoa que faz. Segundo, o que eu acho que ajuda a diluir, é que mesmo esta parte administrativa-burocrática, ela tem consciência de que ela tem que estar em função da luta social, da organização social. O burocratismo, na minha compreensão, é o inverso... Comanda a máquina administrativa-burocrática. No movimento eu acho que ainda não chegou a este nível, a luta social ainda é preponderante, ela que cuida... Acha, portanto, uma conjuntura determinada. Por isso digo: não é um burocrata, pode ser uma burocracia, burocrata é o cara que consolida, ele tem o comando da organização, operando a máquina burocrático-administrativa, ele comanda a organização (NEURI ROSSETTO, SECRETÁRIO NACIONAL DO MST).

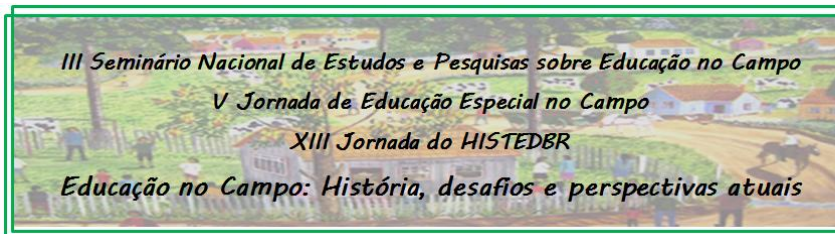
Percebe-se então, evidenciada uma forma diferente de burocracia que não faz parte da que propõe o sistema capitalista, ressaltando outra forma de compreensão dessa categoria de análise. Foi com base nesse pressuposto que foi criado o termo *Racionalidade Coletiva* para designar essa forma diferente de organização.

### **Racionalidade Coletiva: um conceito em construção**

O conceito de “*Racionalidade Coletiva*” foi criado por Santos (2010; 2013), para denominar a forma organizativa do MST, tendo em vista que após uma análise exaustiva dos significados atribuídos ao conceito de burocracia, principalmente de Weber, a autora concluiu que a maneira como o MST está organizado não o caracteriza como uma organização burocrática. Para tanto, o conceito “*Racionalidade Coletiva*” apresenta como categorias as palavras: *racionalidade* e *coletiva*, às quais serão discutidas posteriormente, numa tentativa de dar-lhes significado no contexto particular do MST.

Preocupado com o relativismo dos conceitos na dialética platônica, Aristóteles busca construir um instrumento mais seguro de constituição da ciência que tenha normas de pensamento capazes de permitir demonstrações corretas e irretorquíveis (ARISTÓTELES, 2000, p. 16). O estabelecimento dessas normas, por meio do *Organon*,<sup>5</sup> lhe confere o papel de

<sup>5</sup> No *Organon* a dialética é reduzida à condição de exercício mental que, não lidando com as próprias coisas mas com as opiniões dos homens sobre as coisas, não pode atingir a verdade, permanecendo no âmbito da probabilidade (ARISTÓTELES, 2000, p. 16).



criador da lógica formal, entendida como a parte da lógica que prescreve regras de raciocínio independentes do conteúdo que esses pensamentos conjugam.

A lógica aristotélica parte de uma linguagem comum para identificar seus diferentes usos. A partir do uso das *Categorias*<sup>6</sup>, no *Organon* Aristóteles pesquisa as palavras procurando evitar equívocos na designação de coisas diferentes por meio do mesmo nome (homônimo) ou da mesma coisa com diferentes palavras (sinônimo).

Platão procura chegar aos conceitos, mediante a definição de uma espécie por sucessivas divisões de gênero nele contidas. Esse procedimento é considerado insuficiente por Aristóteles, o qual observa que as dicotomias sucessivas colocam opções sem determinar necessariamente qual o rumo a ser tomado. E, para resolver tal impasse, ele propõe o seguinte silogismo<sup>7</sup>:

Partindo-se das premissas “Todos os homens são mortais” e “Sócrates é homem” – conclui-se fatalmente que “Sócrates é mortal”. A conclusão resulta da simples colocação das premissas, não deixando margem a qualquer opção, mas impondo-se com absoluta necessidade (ARISTÓTELES, 2000, p. 18).

Um fato importante da lógica aristotélica é que não basta à ciência ser internamente coerente. Ela precisa ser uma ciência da realidade. Nesse sentido, não pode ficar apenas no caráter hipotético da dialética platônica, mas tem que avançar no sentido de construir provas racionais, sendo este um aspecto de construção de conceitos na ciência que evoluiu até a atualidade. As categorias, para Aristóteles, são noções gerais, as quais não existem antes das coisas singulares, mas é o resultado do conhecimento destas. É no processo da percepção reiterada das coisas que o geral se cristaliza na consciência dos homens e exprime-se sob a forma de conceito geral que existe ao lado de imagens singulares.

<sup>6</sup> Aristóteles estabelece a distinção entre cinco possíveis tipos de atributos: o gênero, a espécie, a diferença, o próprio, o acidente. O gênero refere-se à classe mais ampla que um sujeito pode pertencer (O homem é um *animal*); a diferença é que permite situar um sujeito relativamente às subclasses em que se divide o gênero (O homem é um *animal racional*); a espécie constitui a síntese do gênero e da diferença (O homem é um *animal racional*). O próprio e o acidente são atributos que não fazem parte da essência do sujeito, pois não dizem o que ele é; todavia, o próprio guarda em relação àquela essência uma dependência necessária (A soma dos ângulos internos de um triângulo equivale a 180°), enquanto o acidente pode ou não pertencer ao sujeito, ligando-se a ele de modo contingente e podendo ser afirmado de outros tipos de sujeitos (Este homem é magro). (ARISTÓTELES, 2000, p. 17).

<sup>7</sup> Raciocínio que faz com que determinadas coisas, sendo afirmadas, sigam inevitavelmente a outra afirmativa.



Quando o geral inicial já foi fixado no espírito, conceitos ainda mais gerais são formados a partir dele refletindo as propriedades e as ligações de um grupo maior de coisas, e depois os conceitos mais gerais de todos – que são chamados categorias, que refletem as formas universais de ser – são formados (CHEPTULIN, 2004, p. 6).

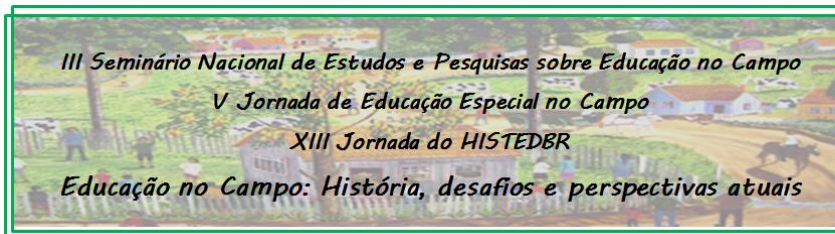
Materialistas modernos como Hobbes, Locke, Bacon, dentre outros, se basearam nessas concepções aristotélicas. Para Hobbes, o homem criou os conceitos a partir do fato de que os objetos possuem propriedades universais e as categorias representam o reflexo das propriedades gerais. O mesmo ponto de vista foi desenvolvido por Locke. Para Kant, as categorias são as formas da atividade do pensamento, próprias da consciência social, anterior a qualquer experiência de conhecimento e a toda ação cognitiva *a priori*. É, apenas, assimilando-as que um indivíduo deve pensar de acordo com a sua época e assim, conhecer a realidade que o rodeia.

Mesmo reconhecendo a importância do pensamento hegeliano, Marx e Engels lhes teceram várias críticas à sua concepção idealista das categorias, uma vez que Hegel define as categorias como essências autônomas, que existem independentes das coisas e antes delas, fazendo o papel de substância dessas últimas. Em contrapartida eles desenvolveram uma concepção materialista e dialética, em que:

[...] a definição da natureza, de seu lugar e de seu papel, no desenvolvimento do conhecimento está diretamente ligada à resolução do problema da correlação entre o particular e o geral na realidade objetiva e na consciência, assim como a colocação em evidência da origem das essências ideais e da relação destas últimas com as formações materiais, com os fenômenos da realidade objetiva. (CHEPTULIN, 2004, p. 5).

Nesse sentido, a concepção marxista de categoria está ligada ao desenvolvimento do processo histórico de construção da realidade objetiva. O reflexo dessa realidade objetiva pela consciência não se produz passivamente, mas de forma ativa e criativa, sobre a base e no decorrer da transformação da prática da realidade. Nessa perspectiva se insere Kosik (1995, p. 9), para quem “[...] o conceito da coisa é a compreensão da coisa, e compreender a coisa significa conceder-lhe a estrutura. A característica precípua do conhecimento para a dialética consiste na decomposição do Todo”. Assim, será necessário compreender a essência e os

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



fenômenos que perpassam o objeto estudado, para compreender a realidade do seu funcionamento, uma vez que a realidade é a unidade da essência e do fenômeno<sup>8</sup> (KOSIK, 1995, p. 10). Nesse caso, entende-se por essência, o MST (Todo) e, por fenômeno, a gestão educacional do MST (parte do Todo), a qual, sendo decomposta, gera uma nova essência, que está sendo denominada de “*Racionalidade Coletiva*”.

Assim, faz sentido quando o MST chama a sua proposta educacional de Pedagogia em Movimento<sup>9</sup>, atribuindo-lhe a especificidade de estar sendo construída no cotidiano, por meio do processo histórico dos sujeitos que fazem parte desse desenvolvimento, o qual está inserido nas relações de capital e trabalho, expressas pela expropriação e exploração dos trabalhadores. O problema, do ponto de vista do marxismo, é que, nesse caso, carece de uma teoria norteadora para direcionar os rumos que o MST almeja. Quando deixa transparecer que não se sabe onde pretende chegar, quando tudo vai sendo construído em movimento, sem objetivos pré-definidos, estrategicamente, para se alcançar a emancipação, abrem-se espaços a conjecturas, podendo levar ao que propõe a teoria pós-crítica, no que se refere ao acaso e às incertezas.

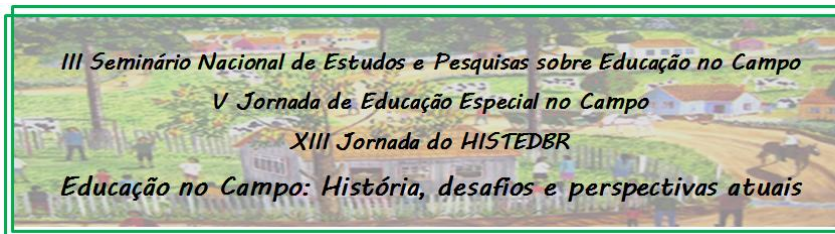
Desse modo, cabe questionar: Qual ser humano está sendo pensado nessa lógica? Que paradigma social o MST está buscando? Que caminhos tomar se não está claro onde se pretende chegar? Será que o MST tem como objetivo a transformação da sociedade, se não tem claro qual é o paradigma social que quer alcançar? Certamente, o capitalismo tem muito claro aonde deseja chegar, ou seja, nos maiores índices de exploração possíveis, e que maximizem os lucros cada vez mais. Para isso implementa teorias específicas, com objetivos de expropriação em todos os contextos sociais.

A educação trabalhada no MST é classificada por Caldart (2000, p. 131) como uma educação cuja matriz teórica é o próprio Movimento como sujeito e princípio educativo, no qual a pedagogia se constitui a partir da luta social que tem um peso formador. É a partir da própria luta que o Movimento vai fazendo a sua história e aprendendo a partir dessa dialética;

<sup>8</sup> Essência representa precisamente o conjunto de todos os aspectos e ligações necessários e internos (leis), próprios do objeto, tomados em sua interdependência natural. São conjuntos das ligações e aspectos internos. O fenômeno representa a manifestação desses aspectos e ligações, na superfície, mediante uma grande quantidade de desvios contingentes (CHEPTULIN, 2004, p. 276).

<sup>9</sup> O Movimento, de acordo com a concepção marxista, condiciona a passagem constante da matéria de um estado estável a outro, a destruição contínua de formações que as substituem.





constituindo, também, uma *práxis* social transformadora, chegando às escolas por meio do estudo da realidade, da cultura e dos valores da comunidade, conforme expressa o trecho da fala de uma professora, filha de assentado, conforme Santos (2010):

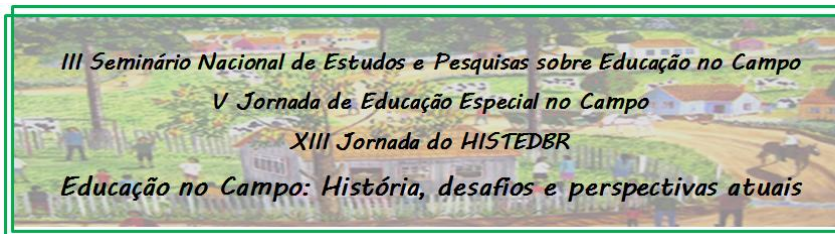
Quando os alunos entram na escola eles já conhecem muito da realidade, e quando muitas pessoas estão fazendo coisas erradas eles se juntam para consertar. (...) Se os alunos já sabem ler e escrever, eles podem lutar por seus objetivos, influenciar a política, tentar mudar a realidade que estamos vivendo (JOANA AMÉLIA, PROFESSORA).

A Pedagogia em Movimento busca, por meio da educação, encontrar caminhos de superação dessa relação antagônica. Antes de ser tratada como Pedagogia em Movimento, existia um direcionamento mais preciso; mais voltado para os valores socialistas, quando trazia nos seus cadernos de educação: “Trata-se de uma educação que não esconde o seu compromisso em desenvolver a consciência de classe e a consciência revolucionária, tanto nos educandos como nos educadores” (Caderno de Formação nº 08, 1996, p. 6). Ou seja, nesse momento, a racionalidade buscada pelo MST ainda deixa bem claros os pressupostos socialistas, de um paradigma social com objetivos claros e pré-definidos, que constrói estratégias em busca da transformação social em que “[...] a evidenciação da fonte de desenvolvimento da força motora, faz avançar e condiciona sua passagem de um estágio de desenvolvimento a outro. Essa fonte é a contradição e a luta dos contrários” (CHEPTULIN, 2004). Diferentemente, *a posteriori*, depois de 1999, essa racionalidade passa a se basear na incerteza do *modus operandi* dos sujeitos durante o processo, demonstrando que essa luta dos contrários vai acontecendo em movimento, traçando objetivos de acordo com cada conjuntura política e econômica.

### **O universal, o singular e o particular no contexto da pesquisa**

Cheptulin (2004) compreende o singular como uma formação dada (coisa, objeto, processo) que constitui suas próprias propriedades e ligações que não existem em outras formações materiais, e as propriedades e ligações que se repetem constituem o

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



geral/universal. Cada formação material possui propriedades e ligações que representam uma forma particular (coisas, processos) de seu movimento e a unidade do singular e do geral<sup>10</sup>.

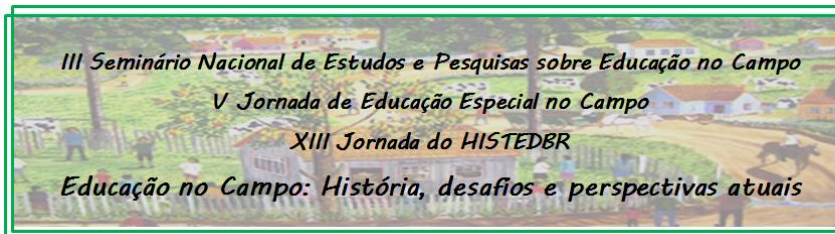
A correlação do singular e do geral no particular (formação material, coisa, processo) manifesta-se como correlação de aspectos únicos em seu gênero, que são próprios, apenas, a uma formação material dada, e a aspectos que se repetem nesse ou naquele grupo de outras formações materiais (CHEPTULIN, 2004, p. 195). Ao trazer essas categorias, o objetivo é de fazer uma análise que possa trazer esclarecimentos sobre a “*Racionalidade Coletiva*” como forma de estrutura organizacional da educação no MST, tratando especificamente, da Bahia.

Para compreender melhor, faz sentido utilizar os estudos de Iasi (2006), que traz uma mediação entre o particular-singular-universal, situando nessas três dimensões as correspondentes categorias de conteúdo: particular (grupo); singular (indivíduo); e universal (classe). Nesse caso, pode-se observar como universal, a luta dos trabalhadores com o sistema capitalista, que é algo que acontece não só com os trabalhadores do MST; o particular – o MST como grupo social a que pertence esses trabalhadores e que tem características próprias que o diferencia dos demais movimentos sociais, e aqui se insere a “*Racionalidade Coletiva*” como modo específico de organização; e o singular – os assentados e acampados que são os sujeitos que compõem o MST.

Nesse sentido cabe refletir sobre algumas questões: Como as contradições do sistema capitalista têm refletido, como manifestação do geral/universal nas particularidades e singularidades que fazem parte da essência do MST? Quais os avanços do MST em direção à tão propalada transformação social?

De acordo com o dicionário de Filosofia, o termo “racionalidade” vem do latim *rationalis*, e expressa a característica daquilo que é racional (JUPIASSU, 2008, p. 233). Porém, Weber relaciona a racionalidade com a ação racional, dando duas acepções ao termo: a primeira é a *ação racional valorativa*, caracterizada como a realização de acordo com certos valores, a exemplo de rituais culturais; e a segunda é a *ação racional instrumental*, que visa

<sup>10</sup> Exemplificando: o homem, que compreende o geral, é um ser vivo, vive em sociedade, possui determinadas relações de produção, sendo esta, uma abstração que permeia a concepção de homem. No entanto, cada homem singular é dotado de características particulares, aspectos próprios de sua vida que lhe dizem respeito (objetos, modos de ser). Assim, o geral e o singular não são independentes. Eles são unidos pelas formações materiais do particular.



fins e objetivos específicos voltados para o capitalismo e para a técnica. Portanto, “a racionalidade é o estabelecimento de uma adequação entre uma coerência lógica (descritiva, explicativa) e uma realidade empírica” (JUPIASSU, 2008, p. 233). É com base neste último conceito que entendemos a concepção de racionalidade no MST.

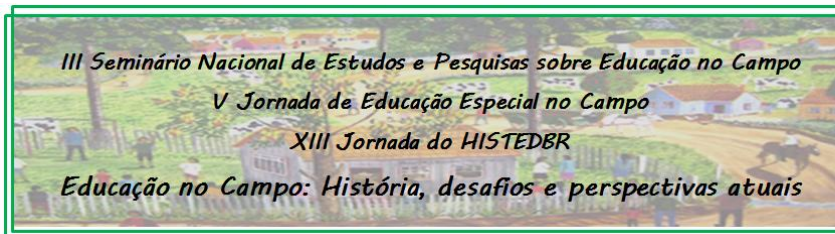
Dessa forma, a escolha desse termo, para fazer parte do conceito de organicidade do MST, ocorreu porque esse Movimento utiliza de uma lógica para se estruturar que é possível analisar, tanto teoricamente, como empiricamente. Essa racionalidade está expressa nas formas estratégicas utilizadas para se contrapor ao sistema capitalista: núcleos, brigadas, direções, coordenações, frentes. De acordo com o dirigente nacional do MST, Ademar Bogo, houve uma mudança na forma de o Movimento organizar os seus espaços:

A partir do governo de Lula, nós massificamos os assentamentos e acampamentos. Ao perceber que o agronegócio tornou parte integrante do desenvolvimento do campo, lutamos para fazer um salto que foi melhorar a nossa organicidade interna. Ela tem que se dá desde a base. Então um núcleo de família é uma instância da direção coletiva com 10 famílias e com 2 coordenadores. Forma aí um processo democrático com um conteúdo que elevaria o nível da consciência de classe (ADEMAR BOGO, DIRIGENTE NACIONAL DO MST).

Neste depoimento, percebe-se uma estratégia de luta do MST para enfrentar as contradições no sistema capitalista. Isso não exclui a possibilidade da racionalidade weberiana estar dentro da gestão educacional do Movimento, uma vez que as escolas são públicas e organizadas dentro da lógica burocrática capitalista, como se verifica nos trechos de entrevistas realizadas, abaixo:

A gente tem como forma de burocracia. A gente acredita que para facilitar a situação, como são vários educadores, têm prazo para estar entregando documentação, ficha de unidade, material que vão solicitar para digitar ou imprimir. Tem um tempo. Precisa solicitar com antecedência, por conta até assim: como são duas pessoas trabalhando efetivamente dentro da secretaria da escola, então a gente acaba tendo que se utilizar de algumas ferramentas para atender. (COORDENAÇÃO DO SETOR DE EDUCAÇÃO – REGIONAL SUDOESTE).

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



Esse é um fator contraditório vivenciado pelos gestores das escolas de assentamentos e acampamentos do MST, uma vez que o movimento direciona sua proposta educacional com pressupostos diferentes do que propõe o capital.

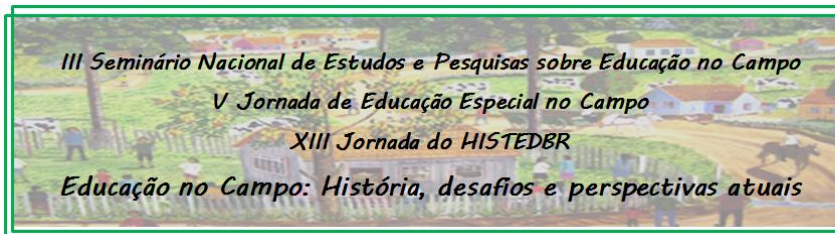
O outro termo proposto para dar consistência à racionalidade do MST é o adjetivo “Coletiva”, o qual, no minidicionário Luft (2000, p. 178), refere-se a um conjunto de elementos ou agrupamento de pessoas que assumem uma mesma orientação política, artística e/ou estética. No MST, este termo sugere que existe uma organização racional real no Movimento baseada no *coletivo*. Quando se refere ao coletivo, o MST se fundamenta no trabalho coletivo proposto por Makarenko, que prima, não pelo espontaneísmo escolanovista, mas por uma pedagogia socialista, com base no trabalho produtivo, calcada na ideia de que, a partir do grupo, desenvolvam-se valores para se pensar como classe social, e depois, que esses sentimentos de coletivo possam fazer com que os alunos se preocupem com toda a humanidade.

A racionalidade dos coletivos formados no MST tem essa organicidade, pois os seus membros têm tarefas a serem desenvolvidas, às quais são distribuídas nas reuniões do coletivo e fazem parte da sua dimensão educativa. Caldart (2004, p. 179) afirma que o coletivo é um aprendizado importante que possibilita a passagem do que poderíamos chamar de uma ética do indivíduo para uma ética comunitária, que depois poderá se desdobrar em uma ética do coletivo.

Ao compreender a *Racionalidade Coletiva*, como uma organização específica do MST, parte do pressuposto de que, mesmo tendo os dirigentes nacionais, estaduais e regionais, estes estão subordinados ao coletivo, ocorrendo o que Makarenko denominou de “*rede de subordinação entre iguais*” em que os “chefes de destacamentos” eram trocados constantemente por meio de eleições na assembleia geral da coletividade, para dar condição a todos de passar pela função de organização do coletivo e, ao mesmo tempo, por fim, ao comando personalista. (CAPRILLES, 1989).

No MST, a escolha dos representantes de todos os setores acontece nos encontros massivos, sendo que os representantes nacionais são escolhidos nos encontros nacionais; os representantes estaduais são escolhidos nos encontros estaduais; e por fim, os representantes regionais são escolhidos nos encontros das regionais. Nesse caso, há a predominância da

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



democracia representativa. Mas é importante salientar que existem dirigentes nacionais que estão na função há mais de dez anos, pois nesses encontros eles são reeleitos para continuar exercendo as suas atribuições.

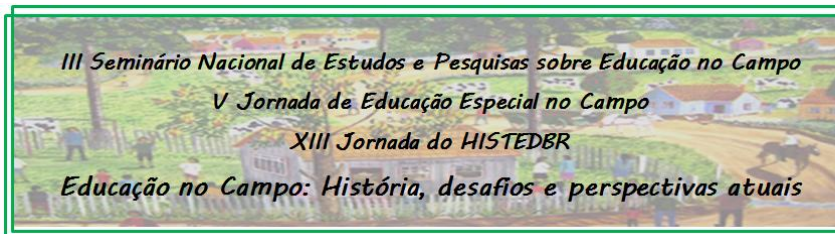
Concordando com o funcionamento do Movimento em forma de coletivo, expressa o Dirigente Nacional do Movimento quando questionado na entrevista se existe burocracia no MST:

Ela existe, mas eu acho que ela de certa forma é diluída na concepção de coletivo, tipo, embora tenha coordenador, mas, tudo funciona por coletivos... Todo aquele que é o mais burocrata, dentro da área de saúde, é um coletivo que coordena o setor, área administrativa de finanças, projetos, tudo isso é um coletivo, então não é uma pessoa que faz. Segundo, o que eu acho que ajuda a diluir, é que mesmo esta parte administrativa-burocrática, ela tem consciência de que ela tem que estar em função da luta social, da organização social. O burocratismo, na minha compreensão, é o inverso... Comanda a máquina administrativa-burocrática. No Movimento eu acho que ainda não chegou a este nível, a luta social ainda é preponderante, ela que cuida... Acha, portanto, uma conjuntura determinada. Por isso digo: não é um burocrata. Burocrata é o cara que consolida, ele tem o comando da organização, operando a máquina burocrático-administrativa, ele comanda a organização (NEURI ROSSETTO, DIRIGENTE NACIONAL DO MST).

Assim, forma a coletividade Sem Terra, a partir da representatividade constituída e legitimada nos encontros e também nas vivências coletivas que acontecem no cotidiano dos assentamentos e acampamentos, envolvendo famílias e grupos, e participando das ações coletivas forjadas na luta social.

O MST trata do trabalho coletivo, teoricamente, numa perspectiva de emancipação e de consciência de classe, visando a construir as condições objetivas para dar saltos qualitativos, em direção à transformação social de acordo com os interesses da classe trabalhadora. Entretanto, quando se refere à sociedade capitalista, e a sua contraposição ao Movimento, o objetivo do coletivo é aumentar a produção. Marx (2002), em sua análise sobre o trabalho coletivo, verifica o seu surgimento como um elemento fundamental no desenvolvimento do capital, em que um grande número de trabalhadores faz com que o trabalho amplie sua escala de produção e aumente a quantidade de mercadorias produzidas.

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



Assim, o trabalho coletivo passa a ser entendido como a soma dos trabalhos individuais, sendo que o resultado do trabalho de um é o ponto de partida do outro.

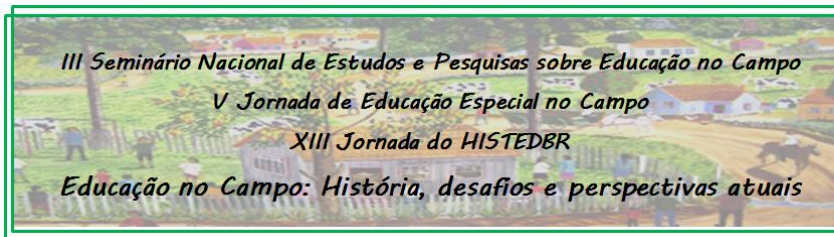
Quando o conceito de trabalho coletivo é inserido no campo educacional, deve ser pensado de forma que tenha diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento para que haja a formação do homem como sujeito histórico para a emancipação, e não para a alienação. No trabalho de campo em visitas realizadas nas regionais do MST, na Bahia, verificou-se que as condições objetivas de trabalho na escola vêm dificultando a realização do trabalho coletivo, pois existem lugares que faltam funcionários para serviços essenciais nas escolas e para as demandas burocráticas. Há também sobrecarga de trabalho para os professores, que, devido aos baixos salários, precisam se desdobrar em dois ou três turnos. Nesse sentido, o MST tem atuado buscando garantir escolas e autonomia para coordená-las e impulsionando por meio da organização dos coletivos pedagógicos, a conscientização dos sujeitos, em busca de ações governamentais efetivas e condizentes com as necessidades de educação pública, não só para os Sem Terra, mas para todos os camponeses.

### **Métodos de organização do MST**

O MST discute as estratégias de enfrentamento ao capital nos congressos nacionais que acontecem a cada cinco anos, determinando a formas de organização que orientam como proceder na correlação de forças contra o capitalismo. Nesse sentido, o Movimento tem criado métodos organizativos para agregar a coletividade sem-terra em todos os setores, constituindo uma racionalidade real na sua forma organizacional de funcionamento que redundam em espaços não formais de aprendizagem, cujo conteúdo é a luta social contra as formas de dominação.

A seguir encontra-se uma análise dessa organicidade, desde a origem do Movimento, até a atualidade.

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



## 1. Direção executiva e comissões – 1988 a 1980

**Figura 1:** Método organizativo do MST: 1988 a 1990

**MÉTODO:** direção executiva e comissões  
1988 a 1989



**Fonte:** Reys (2009).

Na figura 1 observa-se que o método organizativo é baseado em direção executiva, setores e comissões. Apesar de parecer uma estrutura verticalizada, não era assim que funcionava na prática. Pois todas as discussões eram realizadas no âmbito das três instâncias e as decisões eram tomadas com o voto de todos os representantes. Assim, funcionava sob uma espécie de democracia representativa, sendo que, em âmbito nacional, cada Estado possui sua comissão representativa, e no que se refere aos Estados, cada região tinha seus representantes, todos com poder de voz e voto. As direções executivas não tinham o poder de tomar as decisões sozinhas, ou elaborar as estratégias do movimento sem consultar a base.

## 2. Direções e setores estaduais – 1990 a 1995

Figura 2: Método organizativo do MST: 1990 a 1995

### MÉTODO: direções e setores estaduais 1990 a 1995



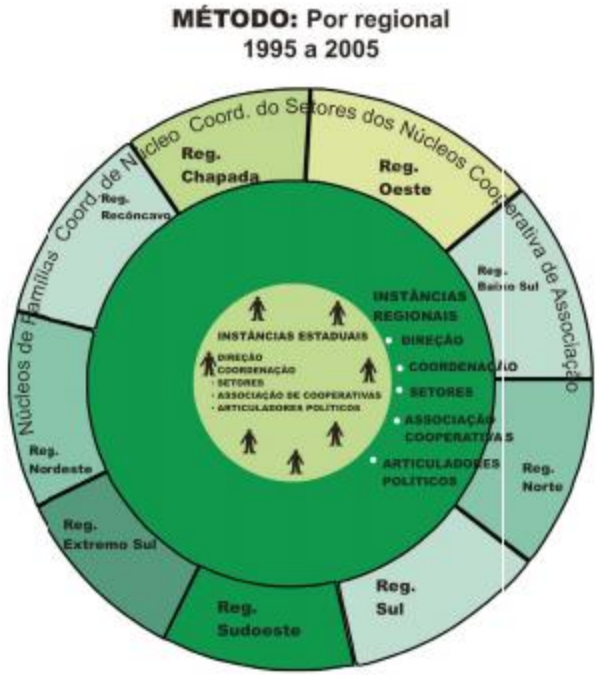
Fonte: Reys (2009).

Na figura 2 a forma de organização era com direções e setores estaduais. Cada setor possuía membros, tanto nos assentamento e acampamentos, como também os representantes de cada Estado. Assim, nas reuniões locais, estaduais e a nível nacional havia representantes que votavam nas discussões sempre feitas de forma coletiva.



**3. Organização por Regionais – 1995 – 2005**

**Figura 3 : Método organizativo do MST: 1985 a 2005**

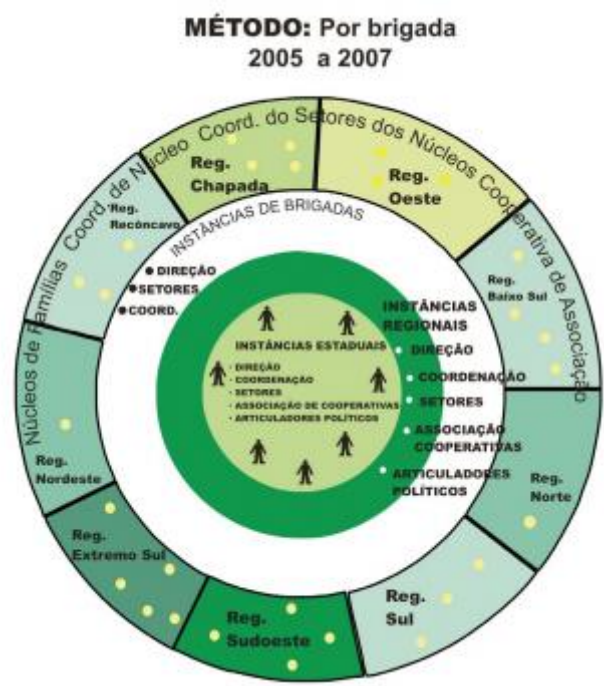


Fonte: Reys (2009).

Na figura 3 (1995 a 2005), o método organizativo era por regionais, com núcleos de famílias, coordenação de núcleos, coordenação de setores, cooperativas, associações; e em âmbito estadual estava estruturado com direção, coordenação, setores, associação de cooperativas e articuladores políticos. Cada regional dos estados possuía todos esses representantes. Assim, se algo dizia respeito apenas à regional, os representantes desta se reuniam para tomar os encaminhamentos, e se fosse sobre o estado, os representantes do estado de cada regional, se deslocavam para reunir e tomar as decisões pertinentes, sempre de forma coletiva. Salienta-se que as regionais ainda permanecem sendo divididas em brigadas.

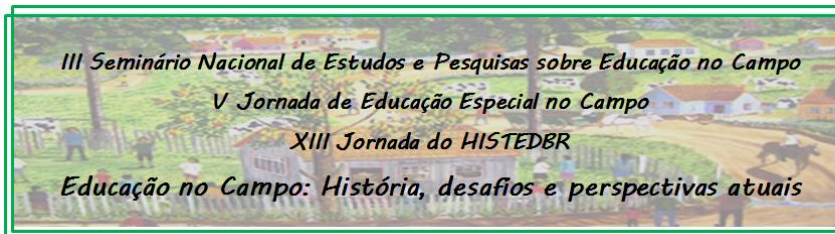
**4. Organização por Brigadas – 2005 até a presente data**

**Figura 4:** Método organizativo do MST: a partir de 2005



Fonte: Reys (2009).

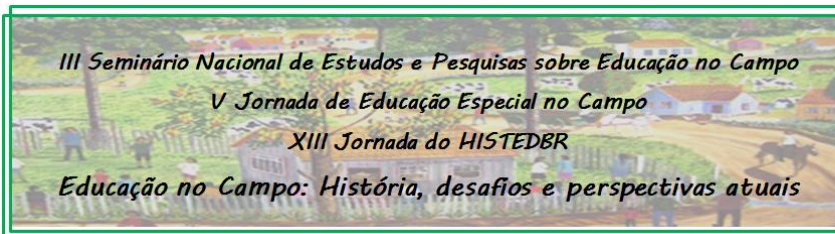
No que se refere à figura 4 (2005 em diante), refere-se à divisão apenas na Bahia. O método organizativo acontece por brigadas e acrescentam-se os articuladores políticos, uma vez que o estado optou-se por concorrer a cargos políticos. Cada regional foi dividida em várias brigadas, sendo cada uma composta por 50 famílias, tendo coordenação, direção e setores. Em âmbito estadual, continua com as direções, coordenações, setores, articuladores políticos, associação de cooperativas. Em cada assentamento há também os núcleos de família, coordenações dos setores de núcleos, e cooperativas. Essa nova forma de organização teve como objetivo, segundo seus dirigentes, aumentar o número de militantes nas áreas de assentamentos do MST para fazer o enfrentamento ao estado capitalista e conseguir fazer uma reforma agrária diferente da que é proposta pelo capital, conforme expressa o dirigente nacional:



Com esse processo não é apenas um grupo de família que participa do assentamento, e em segundo lugar esse nosso trabalho orgânico é pra ter força suficiente para dar esse salto para não mais fazermos a reforma agrária capitalista. Ela é por distribuição de terra, que vinha desde a origem e que é o que o capital oferecia como possibilidade no Estado. Nosso trabalho orgânico é pra fazer a reforma agrária popular. Não é mais o governo, e não é mais as reivindicações apenas. Aí você vai ter como integrantes da luta pela transformação, primeiramente os sem-terras que é toda uma população que margeia esse conflito. A população urbana vai dar apoio e participar, inclusive dando indicativos do que deve ser produzido nas áreas. Então cai esse conceito de área produtiva e não produtiva, a terra volta ao conceito de função social. (...) A força popular faria a reforma agrária popular como coletivo, pelos camponeses. Nós temos a capacidade de fazer, de dar esse salto (ADEMAR BOGO, DIRIGENTE NACIONAL DO MST).

Observa-se que o dirigente do MST deixa transparecer, implicitamente, que essa forma de organização do MST se pauta em referenciais marxistas de contradição e luta dos contrários. Por meio da “*Racionalidade Coletiva*”, o MST tem criado estratégias diferentes de formação político-ideológica na formação de seus militantes, ou mesmo na realização de ações políticas e culturais, abrangendo cada vez mais um número maior de pessoas para compor a sua base e decidirem coletivamente na efetivação de ações para criar as condições objetivas a fim de provocar mudanças na sociedade.

A *Racionalidade Coletiva* representa um novo estágio de desenvolvimento na organização dos trabalhadores (MST), como estratégia de luta para se inserir, de forma mais digna, no sistema capitalista, visando, no futuro, superar esse sistema de governo. Compreende-se que esse movimento dos contrários, como alternativa de luta do MST para, no futuro, superar o sistema capitalista, produziu novas formas de gerir o processo de organização interna, uma vez que ele tem buscado excluir, teoricamente, as relações verticalizadas, optando por um processo de tomada de decisões coletivas.



## Referências

ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CALDART, R. S. **Educação em movimento**. Formação de educadores e educadoras no MST. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAPRILES, R. **Makarenko e o nascimento da pedagogia socialista**. Rio de Janeiro. Editora Scipione, 1989. Série Pensamento e Ação no magistério.

CARNOY, M. **Estado e teoria política**. 2 ed. Campinas, SP : Papyrus, 1988.

CHEPTULIN, A. **A dialética materialista**. Categorias da dialética. São Paulo: Editora Alfa e Ômega. 2004.

HEGEL, H. **Fenomenologia do espírito**. Paris: Gallimard, 1998.

IASI, M. L. **As metamorfoses da consciência de classe**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

JUPIASSÚ, H. **Dicionário básico de filosofia**. Danilo Marcondes. 5. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 6. ed. Paz e Terra: Paz e Terra, 1995.

LUFT, C. P. **Minidicionário Luft**. 20 ed. São Paulo : SP. Editora Ática. 2000.

MARX, K.; ENGELS, Fr. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

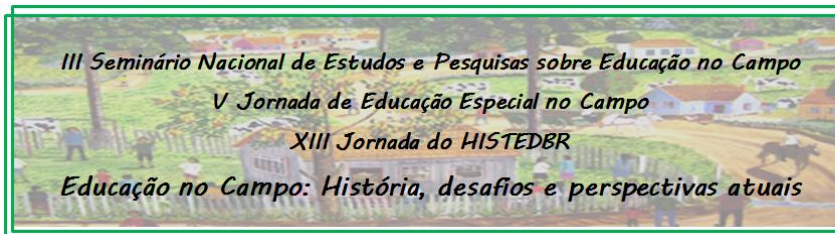
MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. 20 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Livro 1, 2 v.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Princípios da Educação no MST. Caderno de Educação**, Porto Alegre, nº8, 1996.

\_\_\_\_\_. **Gênese e desenvolvimento do MST. Cadernos de Formação**, nº 30. São Paulo: Peres, 1995.

REYS, F. **MST: lutas e conquista - Métodos organizativos do MST em 25 anos**. Setembro/2009. Disponível no site: <http://www.deltagandedemokrati.se/Filer/File/MST-%20Lutas%20e%20conquistas%201.pdf> .

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



SANTOS, Arlete Ramos. **Ocupar, resistir e produzir também na educação. O MST e a burocracia estatal: negação e consenso** – 2013. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

\_\_\_\_\_. **A gestão educacional do MST e a burocracia do Estado**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. 2010.

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015